

PSICANÁLISE, AUTOMUTILAÇÃO E REDES SOCIAIS: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS¹

Elisa Penna Bernal²

Ana Maria Loffredo³

Introdução

Os dados atuais a respeito do fenômeno da automutilação indicam a relevância desta questão na contemporaneidade e a necessidade de olharmos e cuidarmos do sofrimento psíquico destes sujeitos. De acordo com um estudo realizado com jovens americanos de 12 a 16 anos, 14% a 39% destes já haviam se envolvido com algum comportamento automutilatório e esta seria a prática com maior crescimento entre adolescentes (Heath, 2007 apud Dinamarco, 2011).

A questão da automutilação vem ganhando cada vez mais destaque também na mídia, o que ocorre principalmente em decorrência de fenômenos como o jogo da baleia azul, no qual cortes na própria pele (inclusive no formato de baleias) estavam dentre as tarefas propostas aos participantes. Além disso, o número de postagens com a *hashtag*⁴ “automutilação” em redes sociais como o *Tumblr* é tão grande que, quando procuramos por este termo nesta rede, ela direciona o usuário para uma página com informações sobre locais que oferecem algum tipo de auxílio ou tratamento.

A importância de relacionarmos o fenômeno da automutilação com as redes sociais se evidencia quando notamos a frequência deste assunto nos espaços virtuais e, também, quando percebemos que, apesar de o sujeito mostrar suas cicatrizes e cortes por

¹ . Resultados parciais obtidos a partir da pesquisa de Mestrado (em andamento) desenvolvida no Instituto de Psicologia da USP sob orientação da Profa. Associada Ana Maria Loffredo.

² Aluna do curso de Mestrado do Instituto de Psicologia da USP e do curso de especialização em Psicoterapia Psicodinâmica dos Transtornos de Personalidade pela Unifesp, bolsista CAPES. elisa.bernal@gmail.com

³ Orientadora; Professora Associada do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da USP. Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. analoffredo@usp.br

⁴ De modo sucinto, *hashtags* seriam palavras-chaves usadas para indexar um tema e/ou informação relacionados ao conteúdo de sua publicação nas redes sociais.

meio de fotos para outros usuários das redes, há uma tentativa de esconder essas marcas dos familiares e amigos mais próximos. A respeito desta questão, Melo e Nicolau (2016) observam que a discussão sobre as práticas automutilatórias acontece sem resistência e de maneira espontânea nos espaços *online*, enquanto no *setting* analítico muitos pacientes encontram dificuldade para falarem abertamente sobre o assunto.

Frente a esta disparidade entre o comportamento dos jovens nos ambientes virtuais e fora deles, podemos formular algumas questões, tais como: de que forma a alteridade está presente nestes dois espaços? Qual a função do ato de mostrar para outros usuários os cortes e ferimentos produzidos? A presente pesquisa busca dar encaminhamento a essas questões a partir do aparato conceitual da Psicanálise em articulação com materiais extraídos da rede social *Tumblr*.

Discussão

O mal-estar contemporâneo, para Birman (2014), “se inscreve positivamente em três registros psíquicos, quais sejam: o do corpo, o da ação e o da intensidade” (p. 66), enquanto o pensamento e a linguagem são registros cuja importância como eixos ordenadores do sofrimento contemporâneo é cada vez menor.

No que diz respeito ao corpo, Fernandes (2011) aponta para

... um aumento considerável de demandas de análise que passam pelas *questões corporais*. O corpo toma a frente da cena, constituindo-se como fonte de sofrimento, de frustração, de insatisfação, de impedimento à potência fálico-narcísica. De veículo ou meio da satisfação pulsional, o corpo passa a ser também veículo ou meio de expressão da dor e do sofrimento. Um sofrimento que parece encontrar dificuldade para se manifestar em termos psíquicos. (p. 21).

Percebemos, portanto, a relevância da dimensão corporal no que diz respeito à expressão do sofrimento no mundo contemporâneo. E o que diz a psicanálise em relação ao corpo? Ainda de acordo com Fernandes (2011), “a inovação freudiana foi precisamente ter podido demonstrar como esse corpo (...) vai sendo construído à custa de um laborioso trabalho resultante do encontro essencial com o outro” (p. 125), ou seja, o campo da alteridade assume uma importância central para compreensão de problemáticas relacionadas ao registro corporal.

Birman (2014) nos oferece uma importante contribuição a respeito da articulação entre alteridade e o mal-estar na contemporaneidade ao discorrer sobre as diferenças entre as categorias de dor e sofrimento, considerando que para este autor “se a *dor* evidencia uma posição *solipsista* do sujeito e o seu fechamento em face do outro, o *sofrimento* seria algo da ordem *alteritária*, que pressuporia o apelo e a demanda endereçada ao outro (p. 9).

Diversos materiais encontrados na rede social *Tumblr*, a partir da busca pelo termo “automutilação”, enfatizam a dimensão de solidão vivenciada no mundo atual. Seleccionamos algumas postagens que abordam esta questão:

Publicação 1: “Eu não sei o que é pior, ficar sem jogar tudo pra fora, ou ter que aguentar tudo sem falar nada com alguém. Acho que eu nasci foi para isso mesmo, aguentar a dor dos outros, enquanto as minhas estão aqui dentro de mim, sufocando. Eu só queria ter novamente outra pessoa que me entendesse, e que carregasse minhas dores junto comigo, pois o fardo tá pesado” (Disponível em: <https://www.tumblr.com/search/automutilacao>. Acesso: 31/07/2018).

Publicação 2: “É tão ruim quando a gente para pra olhar ao nosso redor e percebe que as pessoas estão indo embora” (Disponível em: <https://www.tumblr.com/search/automutilacao>. Acesso: 31/07/2018).

Publicação 3: “As pessoas são solitárias, porque constroem muros ao invés de pontes, Pequeno Príncipe”. (Disponível em: <https://www.tumblr.com/search/automutilacao>. Acesso: 31/07/2018).

Publicação 4: “E eu estava ali, parada. No meio de uma multidão de pessoas e me sentindo sozinha, ouvindo todo tipo de risada enquanto minhas lágrimas escorriam pelo rosto. Ninguém me notava ali, chorando, com o coração apertado e a alma gritando socorro”. (Disponível em: <https://www.tumblr.com/search/automutilacao>. Acesso: 31/07/2018).

Após a análise de conteúdo de mensagens retiradas da Internet sobre a prática da escarificação, Ferreira (2014) conclui que os cortes possuem a função de delineamento de um contorno corporal e de construção de um eu, ao mesmo tempo em que constituem um pedido de ajuda e de reconhecimento do outro. Este aspecto revela a importância das redes sociais enquanto espaços nos quais o olhar do outro é convocado insistentemente através, principalmente, das imagens.

Para Dinamarco (2011), a convocação ao olhar do outro seria um dos principais aspectos de distinção entre os comportamentos automutilatórios e outras marcas corporais, como a tatuagem.

O olhar do outro pode ser considerado como um dos principais elementos que diferenciam a automutilação da tatuagem. A última é feita para ser exibida, para ser revelada, é uma forma de individualização de caráter notoriamente evidente e só consegue cumprir este papel através da captação do interesse alheio. Ainda que a princípio a imagem possa estar oculta, ou feita “somente para si”, é normal que seja revelada para pessoas escolhidas, especialmente em ligações afetivas mais profundas, ritual que reforça ainda mais sua função de marca individualizatória. Na automutilação, ao contrário, o indivíduo vê na visão do outro a possibilidade do julgamento, do preconceito, do hostil, então ele a esconde – e aqui não é pra mostrar posteriormente como prêmio por ganho de intimidade, mas sim com o intuito de não ser mesmo descoberto em sua ação – ou a disfarça, por exemplo, cobrindo-a com uma tatuagem” (p. 22).

Entretanto, é curioso notar como este comportamento de esconder as cicatrizes e cortes dos outros para evitar o julgamento ocorre de maneira quase oposta no ambiente das redes sociais, como se muitas vezes as fotos postadas buscassem inserir o indivíduo dentro de um grupo, isto é, dar um lugar para o sujeito que se corta entre outras pessoas também familiarizadas com esta prática. Tal como afirma Ferreira (2014), o ambiente virtual tem sido um espaço de troca de informações sobre o fenômeno da automutilação e de compartilhamento de histórias sobre o ato de cortar-se.

De acordo com Melo e Nicolau (2016), ao conhecer outras pessoas que passam por situações semelhantes, o indivíduo percebe que não está sozinho e encontra no mundo virtual acolhimento para seu sofrimento, o que, por sua vez, possibilita o estabelecimento de um laço social. Por outro lado, é importante lembrar que o laço que se constrói a partir do mundo virtual tem também suas especificidades, conforme ressaltado por Braga Cavalcante (2014):

... ao mesmo tempo em que os indivíduos estão extremamente envolvidos a partir de recursos altamente interativos do ambiente *online*, eles também se queixam constantemente de estarem sofrendo em decorrência de solidão ou vazio. A limitação da interação *online* de jovens em torno da automutilação e da depressão refere-se, portanto, à dimensão moral inerente às relações humanas. A dificuldade de “viver uma existência plena e satisfatória” conduz à uma imersão maior no mundo online do corte/depressão/suicídio, o que pode resultar em uma outra camada de isolamento, pois estas redes acabam se tornando bastante exclusivas. (p. 9)

Considerações finais

Partindo das considerações aqui expostas e com base, principalmente, na diferenciação proposta por Birman (2014) entre dor e sofrimento, surge a seguinte hipótese: seriam as redes sociais espaços em que a dor poderia ser transformada em sofrimento justamente pelo apelo à alteridade que estes espaços proporcionam?

Na publicação de número 1, por exemplo, podemos identificar uma demanda direcionada ao outro através da escolha de *hashtags* como “texto para namorado”, ao mesmo tempo em que outras *hashtags* indicam o sentimento de solidão. A forma como o usuário que fez a postagem identificada pelo número 2 se descreve também aponta para esta posição solipsista do sujeito (“sou uma pessoa invisível que sempre passa despercebida pela sociedade”), mas o próprio fato deste discurso circular dentro de uma rede já poderia indicar um movimento de busca pelo encontro com um outro.

Assim, buscando responder às questões iniciais sobre a função das redes sociais, podemos dizer que estas proporcionam tanto um espaço de pertencimento quanto uma possibilidade de direcionamento da demanda à alteridade, de tal modo que o sujeito se deslocaria da posição de desalento para o desamparo, conforme as categorias propostas por Birman (2014):

... se o sujeito atado na dolorida posição solipsista não pode fazer qualquer apelo ao outro, é o *desalento* que se impõe como *pathos*, destinando-o então à paralisia. Em contrapartida, o *desamparo*, como correlato que é da experiência do sofrimento, possibilitaria ao sujeito um movimento desejante, que seria a condição primordial para a simbolização e a temporalidade (p. 9).

Por fim, é fundamental pensarmos no efeito que as redes sociais provocam levando-se em conta a singularidade de cada caso. Ao longo do levantamento bibliográfico realizado, foi possível perceber que o mesmo fenômeno adquire significados distintos de acordo com o sujeito e suas vivências; assim, enquanto um dos estudos mostra o depoimento de um jovem que se sente sozinho por não ter nenhum familiar com quem possa conversar e afirma que sem a Internet seria tudo muito pior (Braga Cavalcante, 2014), outra pesquisa traz o relato de uma garota que diz que irá se afastar um pouco desta mesma rede social para iniciar um tratamento, já que tem percebido que o *Tumblr* apenas agrava o seu sofrimento (Otto e Santos, 2016).

De forma geral, podemos perceber que algumas especificidades das redes sociais possibilitam encontros que não ocorreriam fora destes espaços. Estas observações podem indicar que, por meio destas redes, é possível estabelecer um elo com a vida até mesmo em condições nas quais há tanta desesperança e sofrimento.

REFERÊNCIAS⁵

- Birman, J. (2014). O sujeito na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Braga Cavalcante, J. P. (2014). Redes de depressão e cutting no cenário jovem alternativo: uma contribuição sociológica acerca da mutilação. In VIII Congresso Português de Sociologia: 40 anos de democracias, progressos, contradições e perspectivas (pp. 1 – 14). Recuperado em 20 de maio de 2017, de http://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0743.pdf
- Dinamarco, A. V. (2011). Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fernandes, M. H. (2011). Corpo (coleção clínica psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, J. C. (2014). Mensagens sobre escarificações na Internet: um estudo psicanalítico. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Paraná.
- Gea, M. R. (2013). Corpos marcados: adolescência e ideais na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Le Breton, D. (2010). Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. Horizontes Antropológicos, 16(33), 25-40. Recuperado em 25 de junho de 2017, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000100003.
- Melo, H. A.; Nicolau, R. F. (2016, 11 de Setembro) “Cortes que salvam”: um olhar psicanalítico sobre o cutting em redes sociais online. In: VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. João Pessoa. Resumo recuperado em 31 de maio de 2017 de <http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/VII%20CONGRESSO/ANAIS/Mesas%20redondas/52.2.pdf>.
- Otto, S.; Santos, K. (2016). O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão. Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, 25(2), 265-288. Recuperado em 14 de abril, de <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/24537>.
- Tumblr. Recuperado em 28 de junho de 2018, de <https://www.tumblr.com/>

⁵ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association.

Venosa, V. S. (2015) O "Ato de cortar-se": uma investigação psicanalítica a partir do caso Amanda e do caso Catarina. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.